

# A MORTE

JORGE LISTOPAD

A relva crescia através da neve. Aconteceu assim: procurávamos naquele novo bairro periférico, o correio. Precisava de um selo que vendiam só nos CTT.

As moradias rareavam, mais afastadas entre si, a estrada subia em espiral. À esquerda, um café envidraçado, fechado, as mesas de ferro fora, cobertas de geada. Continuámos, eu e a minha irmã, mas ninguém para pedir uma informação. Receava que a carta sem selo no meu bolso se amachucasse. Os esquis, por vezes, chiavam, provavelmente ao passarem sobre as pedrinhas de carvão não totalmente consumadas, misturadas com cinza espalhada para derreter a neve. Nunca estive aqui. Cortando o caminho entre duas casas, entre dois jardins, um com cão, deslocamo-nos para melhor orientação no meio da colina, aqui já sem casas, sem caminho, sem cinza das salamandras. A relva crescia através da neve.

A paisagem fingia-se morta. Esquecemos algo, no entanto esquecemos que esquecemos e esquiámos. Era muito bom. Tornámo-nos muito mais pequenos, pequenos mesmo. Em seguida, ouvimos vozes e retomámos o nosso tamanho, e parámos. Vimos dois homens com blusões brancos a deslizarem com rapidez equipados de esquis excepcionalmente curtos. Resvalavam no terreno, furtivamente, dobrados sobre os esquis, quase de joelhos, mas sempre com elegância, e continuavam a falar. O ar transparente trazia alguns sons, algumas palavras. Falavam húngaro? Grito: "Magyar, magyar...?" Pararam também, surpreendidos, ficando um curto lapso de tempo como estátuas, depois voltaram-se na nossa direcção, e dizem alto e em bom som palavras soltas em húngaro, e começaram a aproximar-se, não muito, porém, continuando a anunciar ou a explicar alguma coisa, em frases que pareciam completas. Não entendo.

Não entendo mas de certo modo, repentinamente, compreendo que durante a noite fomos ocupados por milhares de esquiadores em blusões brancos, fabricados de tecido de paraquedas, que desceram em vários pontos da cidade; gostava de saber mais, falo alemão, mas eles não percebem, falo inglês, entendem um bocado, a minha irmã pacientemente corrige o meu inglês.

Portugal, explico-te, pode ser ocupado em 45 minutos pelos mesmos esquiadores brancos. 45 minutos, nem um minuto mais. Mesmo assim, está tranquila. Mesmo assim, será um rapaz, o filho concebido do nosso amor contra a morte.

A relva crescia através da neve. Aconteceu assim: procurávamos. ●

---

Da boa audibilidade da música resulta a possibilidade da sua interpretação e, conseqüentemente, da sua escrita, entendendo-se que toda a interpretação corresponde a um exercício de escrita. A importância do facto reside no seguinte: o poeta, mais que autor, é leitor e crítico não só dos seus próprios versos, mas sobretudo da existência. Por outro lado, a existência não é algo que se situe aquém ou além da escrita, ela é uma escrita: a realidade só pode ser apreendida em termos de linguagem, e porque ela própria se estrutura em linguagem. Daí que a realidade transcendente seja a Música (ou a Poesia), e o mundo sensível (de que o humano

participa) seja entendido como "floresta de símbolos": são duas dimensões de linguagem nas quais se inscreve (se escreve) o poema. A função do poeta será a de promover a unidade perdida entre a trindade vital, obrigando o poema a recuperar para o símbolo a sua matéria simbolizada: o sentido do símbolo opera a passagem do silêncio à fala, instaurando em consequência o sentido da fala, visto que esta funciona como eco da transcendência: "Aos excessos do céu cede o silêncio / as constelações caem vitimadas / pelo eco da fala".

Outra conclusão haveria a tirar desta reflexão do som que é afinal

reflexão sobre a natureza, eficácia e validade do texto poético: o poema só tem razão de ser numa comunidade linguística que reconheça ou deseje uma linguagem religiosa que determine um sentido superior para a existência humana. Sem um ponto de referência acima da zona simbólica o poema perde todo o sentido, visto que a sua linguagem é eco doutra. Abolindo o objecto originário produtor do som reflectido no texto, o poema transforma-se em literatura, em mero objecto decorativo, quando não folclórico. ●

Maria Estela Guedes